Edimilson Colares

A Canoa de Cedro

A evolução material e intelectual por si só, não trazem consigo o ser ético e moral pronto.

É necessária a vivência de cada momento vencendo os próprios obstáculos que produz para o aprendizado através das lutas existências para que possamos adquiri-los.

Edimilson Colares

A Canoa de Cedro

1ª Edição

Editado por:
Edimilson Pereira Colares
Sombrio - SC
2012

© Copyright 2012, Edimilson Colares

Capa: Edimilson Colares
Revisão Ortográfica: Benta Marques Cristóvão

1ª Edição

1ª Impressão

2012

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta edição pode
ser utilizada, em qualquer meio ou forma,
nem apropriada e estocada sem a expressa
autorização do autor.

Colares, Edimilson, 1964

A CANOA DE CEDRO: Um romance que se expressa pela simplicidade e singularidade de culturas diferentes de uma época.
176p. 12 x 21 cm.

C683c
1. Literatura brasileira – Romance
2. Literatura Catarinense.

ISBN 978-85-913563-0-0

CDD B869.3

Dedicatória

Ao meu pai Antonino de Guimarães Colares, (In Memorium), responsável por grande parte do conteúdo deste livro.

A minha família: Márcia, esposa e aos filhos D'alençon e Gabriel. Os quais são sustentáculo de tranquilidade e harmonia no lar.

Prefácio

Escrevi estas linhas aos poucos, ao longo de três anos, para não deixar findar, com as minhas lembranças, as histórias que ouvia, quando ainda na minha infância. As memórias trazidas nas conversas que meu pai mantinha com irmãos, tios, outros parentes e vizinhos, foi criando uma imagem de como tudo se passou no início da colonização deste pedacinho de terra do extremo sul catarinense. Claro que na época não havia ainda a atual configuração geométrica dos limites estaduais.

Diferentemente de historiadores, acreditei usar um estilo próprio, para trazer ao leitor ou leitora, os costumes de uma época num romance fictício, mas que, com certeza, muitos casos devem ter acontecido naqueles sertões do passado. O que gerou e tem continuado a grande miscigenação da gente brasileira.

A Canoa de Cedro traz, em seu âmago, uma paixão pela contemplação do ser humano em relação à natureza, sua espiritualidade livre de qualquer intento que não seja a pureza do sentimento, contrastando com a pressão da colonização, dos costumes e das tradições que suplantam todo um passado que ficou no esquecimento.



Do Autor

A derribada do madeiro

Os facões abriam o caminho entre a vegetação intocada. Os olhos buscavam, entre as garuvas e perobas, aquela que de longe fora visto e escolhida para servir. Mais algumas dezenas de passos e logo já se achariam sob o imenso tronco de um cedro.

As ferramentas foram de pronto, deixadas ao chão. Após aberta uma pequena clareira, os dois jovens enxugaram o suor do rosto, entreolharam-se e procuraram um lugar para sentar. O cuidado era sempre necessário para se evitar a picada de algum inseto ou animal peçonhento, ou o veneno dos espinhos de alguma lagarta. Dispondo do alimento que trazia envolto em uma espécie de lenço amarrado nas quatro pontas, que de imediato foram desfeitas, ali se apresentaram uma farofa de frango, alguns bijus, tapioca e milho verde cozido, que logo tiveram a companhia de uma caneca de café feito na hora em um recipiente de lata disposto em meio a uma pequena fogueira. Para separar o pó, uma vez que carecia de coador, enfiavam um tição em brasa dentro da água quase fervente e logo o pó de café se depositava no fundo do recipiente. Depois de saciados, um deles sacou de uma palha de milho seca anteriormente, escolhida dentre as mais macias, desalojou um canivete que trazia junto à cinta de couro, e passou a

prepará-la, deslizando a palha entre o dedo polegar e a lâmina do canivete. Pronta à palha, passou a mão em um pequeno pedaço de fumo em corda, iniciando o corte de forma circular, o qual depositava o fumo picado na palma da mão que segurava o canivete para, na sequência, introduzi-lo na palha para depois enrolá-la, transformando a junção em um cigarro.

Comumente apelidaram aquele tipo de cigarro de palheiro, cujo cheiro do fumo era fortíssimo.

O próprio fumo era muito utilizado para matar bernes, uma pequena larva que se formava na pele depois de depositada ali por uma espécie de mosca. Com a fumaça e o forte cheiro do tabaco os insetos não resistindo também debandavam das proximidades.

Descansados agora, deram início ao trabalho. Precisariam de muitas horas para derribar aquele grosso tronco. Os machados bem afiados começaram a golpear aquele maciço. Um de cada lado. Pareciam combinados os golpes das lâminas que ecoavam na mata. Os cantos dos pássaros que antes se faziam ouvir nas cercanias, agora se distanciaram. A faina continuava até que ao olhar para as claridades que se faziam entre as altas ramagens, um dos jovens percebeu que o sol já se encontrava a pino. Era o momento de interromper a atividade para o refazimento das energias esgotadas pelo labor daquela manhã.

Novamente as práticas para o preparo da alimentação começavam a tomar ritmo. Alguns alimentos já eram trazidos prontos de casa, como os cozidos e assados, que só eram levados ao fogo para o reaquecimento.

As mãos calejadas de outros afazeres já se sentiam doloridas pela constante atividade impactante dos machados. Creram que, antes do sol se pôr, o tronco estaria no chão. E era necessário, pois não poderiam retornar

deixando descansar de pé tamanho tronco semicortado, pois seria um perigo iminente.

O projeto era no outro dia desgalhá-lo e, à tarde, transportá-lo com a parelha de bois, conduzindo-o de rastro até o engenho onde seria depositado, pois o local era impróprio para a construção da canoa ali mesmo como era o costume.

Assim recomeçou o trabalho, com mais intensidade. Os machados se faziam ouvir. O suor começou a se apresentar novamente nos corpos daqueles jovens.

Não era para menos, uma vez que se encontravam em pleno mês de março e o calor se transformava em um mormaço. Ainda mais em meio aquela mata fechada e úmida. De vez em quando era necessária uma parada brusca para uma coçada ou uma palmada nos mosquitos sequiosos por sangue, que insistiam em atrapalhar o sincronismo dos machados.

Quando o madeiro estava prestes a se precipitar das alturas, pelos exaustivos golpes daquelas lâminas de ferro; num repente, ambos pararam como por combinação. Ouviu-se um farfalhar nas baixas ramagens. De soslaio, Victorino alcançou a espingarda, preparando-a de imediato para o disparo. João Ignácio, que não levara arma de fogo, apoderou-se de um facão. A comunicação entre os dois jovens se fez instintiva, já que nenhuma palavra foi pronunciada. Quando a tensão dominava ambos, ouviu-se um espocar de uma pedra vinda de encontro ao tronco do cedro. De imediato Victorino, identificando a direção de onde havia vindo o lançamento da pedra, fez fogo e a detonação pela queima da pólvora abriu um clarão, seguido de um enorme estampido ensurdecedor.

Um grande tropel e gritos fizeram-se ouvir, e pelos estalidos de galhos quebrados e o farfalhar das folhagens

que iam sendo atropeladas na fuga, percebeu-se que os silvícolas iam se distanciando.

– Os Bugres! – Terminamos logo a derribada, pois podem voltar.

– Não pareciam ser muitos! – Arrematou João Ignácio.

Não tardou, e trazendo consigo, cipós, bromélias e inúmeras outras espécies de vegetação que coabitavam junto ao velho Cedro, vieram ao chão rompendo em grande estrondo.

Como o sol já sinalizava que se aproximava o final daquele dia, os dois jovens recolheram as ferramentas e seus pertences e partiram de volta para a casa.

Com os braços e pernas doloridos, as picadas dos mosquitos passavam quase despercebidas, pois sempre apareciam em maior número quando o sol se punha no horizonte, principalmente nas matas úmidas e quentes. Mas o homem nascido aqui aprende e se acostuma a viver com o meio.

De volta em casa

Quando chegaram em casa, já era noite. As estrelas brilhavam vivamente no céu escuro. Os sapos coaxavam nos banhados, e de quando em quando a saracura piava. Os sons da noite contrastavam com os do dia. Ainda mais naquela imensidão de mata. Os jovens adentrando a pequena casa encontraram Maria Generosa, preparando a janta. O cheiro era muito bom e a fome dos dois apetecia ainda mais, não vendo a hora de estarem à mesa.

Quando João Ignácio agarrou carinhosamente a mãe pela cintura, fazendo-lhe uma surpresa, Victorino colocando a espingarda a um canto, sentou em um banco que havia perto do fogão, onde observava a tia e o primo a brincarem carinhosamente.

– Os dois vão logo se lavar, que vou servir a janta! – ordenou Maria Generosa.

De fato, um bom banho, naquelas alturas, seria muito apropriado para recompor as energias e relaxar os músculos cansados, além da higiene que era uma prática exigida por Generosa.

Após saborearem aquela apetitosa costela de porco, servida com feijão preto, arroz, aipim e batata doce, os dois jovens saíram para a varanda alumiada por uma pexirica e com o velho violão onde se puseram a cantar, repicando uma toada.

Com um sorriso no rosto, sem que os dois jovens percebessem, Maria Generosa lavava os rústicos talheres e utensílios, satisfeita pela grande amizade dos primos, que juntos, era além de Antônio, a sua maior razão de viver.

Ao Sul, relampejava, formando rápidos clarões, que indicavam que logo a chuva chegaria. O coaxar dos sapos advertiam isso. Os dois jovens continuaram na sua cantarolia, só parando quando perceberam que Maria Generosa se recolhera ao quarto para dormir.

Eles sabiam e respeitavam aquele momento, pois antes de dormir, todas as noites, Maria Generosa passava a mão em um rosário já envelhecido, que recebera de sua mãe, quando ainda muito jovem, e fazia sua oração. Ao final sempre lembrava ao filho e ao sobrinho: – "Não se esqueçam de rezar!" E como fazia todas as noites, abençoava-os e logo adormecia. É evidente que não poderia passar despercebido os pensamentos de preocupação com Antônio, que suportava distante mais uma noite, realizando o escambo em Santo Domingues. Nunca ouvira falar que os silvícolas dessa região se utilizassem de embarcações e com isso, a navegação com barco, pelas águas da grande lagoa estava segura em se tratando destes.

Por outro lado, Antônio já adquirira experiência ao realizar diversas viagens levando e trazendo produtos e mantimentos até aquele povoado do outro lado do São Pedro do Rio Grande, este que segundo se conhece, nasce no sopé da serra entre gargantas profundas que ameaçavam a vida de qualquer aventureiro desavisado que insistissem em penetrá-las.

Todavia, Maria Generosa sabia que seu marido também podia contar com um homem de confiança: Jesuíno, tido por muitos como "pau para toda obra", pois, como Antônio, tinha grande conhecimento das lides,

principalmente de carpintaria. Mas ela também sabia que em Santo Domingues, eles estariam em contato com todo o tipo de pessoas e que, homens mergulhados na cachaça produzem muitas desgraças, por isso tinha, na conta do seu terço, uma prece aos homens que labutavam ao lado de seu marido.



Maria Generosa conhecera Antônio muito jovem. Ela, recém-chegada do litoral rio-grandense, com sua família, vinha, para desbravar novas terras. Seu pai trouxera algumas famílias negras junto, pois tinha a intenção de construir um engenho para o fabrico de derivados da cana-de-açúcar, principalmente o açúcar mascavo, muito fácil de comercializar nas terras de São Pedro do Rio Grande, principalmente porque já corria notícia na época, que era possível uma travessia entre a serra e o litoral pelo Faxinal, onde os tropeiros desciam e subiam.

Antônio não tinha um destino muito diferente. Descendente de açorianos chegados ao litoral de São Pedro do Rio Grande, também veio a se estabelecer nessas paragens com sua família para trabalhar no cultivo e exploração da terra. Entretanto, de exímio pescador, passou também a realizar o comércio entre o novo vilarejo que se formava ao Norte da grande lagoa e Santo Domingues. Seus irmãos e irmãs deram continuidade à semente plantada por seu pai, nas atividades da cultura da mandioca e da cana-de-açúcar, além de seu processamento em farinha e açúcar mascavo que eram realizados nos engenhos movidos por bois.

Conheceram-se em uma, se não a primeira festa realizada em honra a São Sebastião, onde as famílias haviam

adquirido uma pequena imagem do padroeiro e de ano em ano a imagem mudava de residência, pois ainda não haviam construído uma capela para a imagem. A procissão de carros de bois entre a casa do festeiro até a casa do próximo festeiro era muito animada. As cantarolias animadas por violões e sanfonas, pandeiros e outros instrumentos de percussão animavam o cortejo festivo.

Foi durante uma festa que Antônio começou a cortejar Maria Generosa, que não lhe dava espaço para aproximação. Os seus irmãos e amigos lhe faziam chasco lhe dizendo que não iria conseguir "amansar aquela guria xucra". O que se tornou um desafio para Antônio. E como diz o ditado que "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", a insistência de Antônio, para não dizer teimosia, conseguiu vencer a jovem Maria pelo cansaço. Pode até parecer o termo um tanto áspero, mas foi mais ou menos isso o que aconteceu.

"O amor nasce com o tempo", diziam as amigas mais velhas de Maria que sabiam que ela não simpatizava muito com a vida que considerava desregrada do pescador Antônio, que ao invés de ficar mais com a família trabalhando e ajudando na administração do engenho, preferia se aventurar na pesca e no fabrico de canoas que aprendeu com o pai do amigo Jesuíno. Mas como não havia muitos jovens disponíveis, para não dizer ser raro não haver ajuntamento de parentes por falta de opções. Maria Generosa acabou cedendo e aceitou ser cortejada por Antônio. Porém, como o costume exigia. Primeiro Antônio teve de ir até a sua casa para pedir a permissão ao pai da moça.

Os relâmpagos se fizeram mais próximos, alumiando de quando em quando parte da mata, o som do trovão irrompeu fazendo silenciar os habitantes das matas. Logo a

chuva desceu forte, encharcando o solo antes poeirento e quente. O vapor surgindo do contato da água com o solo começou a subir, fazendo-se sentir o cheiro de terra molhada, muito peculiar naqueles terreiros. Os rapazes já haviam se recolhido quando a chuva descambou. Victorino tinha uma característica interessante: gostava das pancadas de chuvas de verão. Quando esta vinha ao meio da tarde, ele aproveitava para tomar um banho, o que era censurado por sua tia, que tinha a preocupação de que o sobrinho pegasse um resfriado e pudesse ter complicações de saúde.

Mas, parecia que o esforço do trabalho o habituara à convivência com aquele clima, pois volta e meia estavam lá ou cá nos banhados a caçar preás, uma espécie pequena, parecida com um pequeno roedor que, segundo eles a carne era muito apetitosa, eram herbívoros e se alimentavam apenas de capim.

A caça era realmente abundante naquelas matas, mas era feita com raridade, pois o peixe conforme a estação tinha lá a preferência de todos pela facilidade da pesca e os menores riscos de se embrenhar nas matas para a realização das caçadas. Contudo, fazia-se necessário ter uma espingarda que não custava muito barato para que um colono pudesse obtê-la.

Mas as armadilhas chamadas de arapucas, também eram bastante utilizadas para a captura de animais e aves silvestres.

Novo amanhecer

Quando os galos começavam a cantarolar, Maria Generosa, cedeira, já se punha de pé para iniciar os afazeres matinais. Acender o fogo, preparar o café, era rotina de toda manhã.

O sol começava a despontar no horizonte, os primeiros clarões iam dando despedidas às estrelas que até então reinavam na madrugada, após as nuvens chuvosas passarem e se desvanecerem. O céu agora era de um tom alaranjado. Quanto mais o sol subia no horizonte, a tonalidade ia se esmaecendo para então o azul anil posteriormente tomar conta daquela manhã.

A terra, ainda encharcada pela chuva que veio forte e passageira da noite, não iria atrapalhar o retorno dos rapazes à tarefa de desgalhar o madeiro para o seu transporte à tarde.

Por isso logo cedo, já estavam novamente a postos, prontos para o deslocamento à mata. – Não levemos os bois agora, porque não tem onde deixarmos.

É longe mata adentro e precisamos de uma boa picada para que as parelhas de bois adentrem a mata. Victorino dialogava com seu primo com segurança. Sabia que era necessário preparar o caminho para retirar aquele imenso tronco de cedro. Todavia teriam de limpá-lo, retirando os galhos e preparando as pequenas toras para a rolagem mata a fora.